

O ESCAMBO NA CONTEMPORANEIDADE: O ÁLBUM DA COPA DO MUNDO COMO SIMULADOR DO COMÉRCIO PRIMITIVO

Eduardo Miguel Prata Madureira¹

Área de Conhecimento: Ciências Econômicas

Eixo Temático: História Política e Econômica

RESUMO

Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão sobre as aproximações entre o comércio primitivo, o escambo e essas relações de troca na contemporaneidade, propiciadas por um dos produtos advindo da Copa do Mundo: o *Official licensed Sticker Album – Fifa World Cup Brasil – 2014*, o álbum de figurinhas, que retorna ao uso dos sujeitos sociais em cada mundial. As discussões estão amparadas em contribuições teóricas de Adam Smith (1996), Marx (1991 e 2002), Schimidt Jr. (1935), Lino Neto (1936) dentre outros. Os capítulos versam sobre três aspectos: a sociedade e o dinheiro, com um breve resgate histórico das origens e o percurso do processo econômico; depois, o escambo na modernidade, com a substituição das transações fiduciárias pela prática de escambo; e, por fim, análise e discussões dessas relações em transações contemporâneas.

Palavras-chave: Economia. Moeda. Escambo. Álbum da Copa.

1 INTRODUÇÃO

A economia é conhecida como a ciência da escassez. Se os recursos que a sociedade necessita para a sua manutenção fossem ilimitados, não haveria a necessidade do seu estudo. O problema econômico reside também no fato de que os seres humanos apresentam desejos ilimitados que precisam ser satisfeitos. É isso que torna a ciência econômica tão importante e questionada.

A limitação dos recursos e o incontrolável desejo humano de ir além das possibilidades existentes movem o mundo, e, conseqüentemente, o sistema econômico: O que e quanto produzir? Para quem produzir? Como produzir? As respostas para essas perguntas são a base do estudo da Ciência Econômica.

Em razão do *trade-off*² entre necessidades e recursos, faz-se necessário um complexo planejamento social visando maximizar os benefícios que tais recursos proporcionarão à sociedade, ou pelo menos, aos indivíduos que nela estarão aptos a

¹ Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional. Membro do GEPEC – Grupo de Pesquisas em Agronegócios e Desenvolvimento Regional da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo/PR. Professor titular das Faculdades Assis Gurgacz e Dom Bosco. E-mail: emadureira@gmail.com.

² Conflito de interesses.



consumi-los. Nesse sentido, a discussão econômica pressupõe dois elementos fundamentais: a sociedade e o comércio. A sociedade nasce da busca do homem pela preservação da vida. O comércio, por sua vez, surge como um estágio evolucionário da sociedade, que nos seus primórdios era baseado no escambo. Ao se entender essa evolução, percebe-se que o escambo é um processo cíclico que ressurge em dados momentos da história.

Assim, a partir das contribuições teóricas de Adam Smith (1996), Marx (1991 e 2002), Schmidt Jr (1935), Lino Neto (1936) entre outros importantes autores que discorrem sobre o tema, este artigo visa evidenciar que o escambo ressurge em momentos específicos da economia moderna, e que, nesses momentos, algumas pessoas têm a oportunidade de vivenciar as origens do comércio primitivo, como por exemplo, no período da Copa do Mundo da Fifa, quando o *Official licensed Sticker Album – Fifa World Cup Brasil – 2014* - álbum de figurinhas assume essa função.

As discussões seguem divididas em três capítulos: uma reflexão sobre a *Sociedade e o Dinheiro*, que discorre sobre as origens do processo econômico até o surgimento das moedas metálicas; à seguir, está o capítulo do *Escambo na Modernidade*, no qual serão relatadas experiências sobre as relações de troca na sociedade moderna; tendo as análises e discussões dessa problemática como terceiro capítulo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A SOCIEDADE E O DINHEIRO

O homem nem sempre viveu em sociedade. De início, como nômade, coletava da natureza os itens que necessitava de forma predatória e, quando estes se exauriam, procurava uma nova região em que pudesse sobreviver. Com a descoberta das primeiras técnicas agrícolas, domesticação de animais e aperfeiçoamento das ferramentas, o homem fixou-se deixando o nomadismo para tornar-se sedentário. Esse estágio evolucionário propiciou o surgimento da vida em sociedade, desenvolvendo um sistema comunal primitivo em que, todos os indivíduos da comunidade trabalhavam em prol de sua manutenção.



Como nômade, o homem precisava adaptar-se a novas realidades cada vez que saía a procura de alimento, pois sofria as ações da natureza, e dela dependia exclusivamente.

[...] a vida nômade é a primeira forma de sobrevivência, na qual a tribo não se estabelece em lugar fixo, aproveitando, antes, o que encontra no local e logo indo adiante. Os homens não foram fixados pela natureza (salvo talvez em certos ambientes tão férteis que pudessem subsistir com base em uma simples árvore, como os macacos; fora disso, eles teriam de mover-se, como animais selvagens). Portanto, a comunidade tribal, o grupo natural não surge como consequência, mas como a condição prévia da apropriação e uso conjuntos, temporários, do solo. (MARX, 1991, p. 66)

Engels (2000) considera que a evolução de nômade para sedentário ocorre quando o ser humano passa a entender e modificar a natureza ao seu favor. Isso se dá, inicialmente, pelo surgimento de ferramentas e a criação das primeiras técnicas agrícolas. “A terra é o grande laboratório, o arsenal que proporciona tanto os meios e objetos do trabalho, como a localização, a base da comunidade”. (MARX, 1991, p. 67) A domesticação de animais contribui ainda para que o homem pudesse se fixar, o que, geralmente, acontecia em regiões férteis e banhadas por grandes rios.

A fixação do homem em uma região dá origem à propriedade comunal primitiva, que se configura na primeira experiência da vida em sociedade pelo homem. “As relações do homem com a terra são ingênuas: eles se consideram como seus *proprietários comunais*, ou seja, membros de uma comunidade que se produz e reproduz pelo trabalho vivo”. (MARX, 1991, p. 67)

O primeiro modo de produção surge nesse momento histórico, e ficou conhecido como sistema comunal primitivo – em que todos os membros da sociedade trabalhavam em prol de um bem comum, a manutenção da comunidade. Os membros da comunidade produziam para que todos usufríssem dessa produção.

A divisão do trabalho já existia, porém de uma forma bastante primitiva, ficando homens e mulheres, idosos e jovens, com funções compatíveis com suas condições físicas. O amadurecimento desse processo suscita, segundo Smith (1996), o surgimento das aptidões que, em pouco tempo, serão responsáveis por garantir uma produção para além das necessidades da comunidade.

A diminuição da quantidade de trabalho dispendida por produto, acontece em razão de três características distintas que lhe são peculiares: a maior destreza de cada trabalhador em fazer tal tarefa; a economia de tempo dada pela permanência



na mesma função, uma vez que o trabalhador não precisa trocar constantemente de local ou de ferramentas para a sua função; e, por fim, pela invenção de um grande número de equipamentos e máquinas que só puderam ser vislumbradas a partir da divisão do trabalho (LINO NETO, 1936).

As pessoas têm muito maior probabilidade de descobrir com maior facilidade e rapidez métodos para atingir um objetivo quando toda a sua atenção está dirigida para esse objeto único, do que quando a mente se ocupa com uma grande variedade de coisas. (SMITH, 1996, p. 69).

A divisão do trabalho por aptidões foi responsável por aumentar a produção da comunidade. Isso, segundo Bastos (2001), gerou um excedente que podia apresentar-se em produtos ou em tempo livre. As horas dedicadas por cada membro da comunidade para desempenhar sua função social diminuíram, assim, cada indivíduo poderia gozar de mais tempo livre ou então, aumentar a produção da comunidade.

Num primeiro momento esse aumento da produção não tinha interesse algum, pois tudo o que era produzido era consumido pela própria comunidade, mas num segundo momento, essa produção excedente passou a ser comercializada pela comunidade com as comunidades vizinhas, dando início ao comércio primitivo.

Engels (2000) considera que a formação de excedentes propiciou o surgimento do comércio e criou as bases para o capitalismo, uma vez que estimulou o surgimento da propriedade privada dos meios de produção.

Na medida em que se acentua a atuação destes fatores, e quanto mais cresce a tendência de se definir o caráter comunal da tribo – enquanto unidade negativa contra o mundo exterior – mais se impõe as condições que permitirão ao indivíduo tornar-se *proprietário privado* de um lote definido de terra, cujo cultivo corresponderá somente a ele e à sua família. (MARX, 1991, p. 70)

Nesse sentido, SMITH (1996) afirma que o homem, por ser egoísta, vai buscar a melhor forma de maximizar os excedentes dessa propriedade privada a fim de auferir o maior rendimento possível. O comércio, que passa a existir mediante a formação dos excedentes, baseia-se na troca simples entre produtos. O escambo configura-se como um sistema de comércio de produtos por produtos. Nesse processo as produções excedentes de determinada comunidade são trocadas pelos excedentes produtivos de outras comunidades, conforme a necessidade de cada



uma delas. O comércio operado pelo escambo foi descrito em obras da literatura como, por exemplo, na *Ilíada* de Homero, quando destaca o comércio de vinho através dos navios.

[...]Nisso, chegaram de Lemno navios inúmeros, cheios de vinho rútilo, todos de Euneu e por ele enviados, filho do chefe de povos, Jasão, e de Hipsípila bela. Determinara o pastor de guerreiros, Euneu, para os nobres filhos de Atreu mil medidas de vinho, presente valioso. Vinho soíam comprar-lhe os Aquivos de soltos cabelos; uns, davam bronze de volta; outros, barras de ferro brilhante; peles de bois, alguns poucos, e reses, ainda outros, com vida, ou, mesmo, escravos. Banquetes opimos, depois aprontavam. [...] (HOMERO, 2000, p. 193)

De acordo com Schmidt Jr (1935) as trocas de produtos por produtos apresentavam muitas dificuldades, principalmente no que diz respeito à falta de coincidência entre as partes. Era preciso haver uma dupla coincidência para que a transação fosse efetuada. “Era preciso não só que um qualquer dos trocadores conhecesse uma pessoa possuindo a coisa que elle desejava adquirir, mas também que essa pessoa estivesse disposta a ceder sua coisa e desejasse aquella que lhe era oferecida em troca. (sic)” (SCHMIDT JR, 1935, p. 13)

A divisibilidade era outro fator que o autor considerava como dificultador de acordos comerciais, principalmente quando se tratava de bens mais valiosos envolvidos no processo. “A troca em espécie presupunha, além disso, que o valor das duas mercadorias fosse o mesmo, ou que uma dellas, pelo menos, fosse facilmente divisível. (sic)” (SCHMIDT JR, 1935, p. 13)

Ambas as características dificultavam o processo de troca, pois caso não houvesse a dupla coincidência direta, os participantes precisariam trocar seus produtos várias vezes, por outros itens a fim obterem o produto desejado inicialmente.

Assim, nesse comércio primitivo, os produtos comercializados possuíam um valor intrínseco que variava de pessoa para pessoa, ou de localidade para localidade. Esse valor intrínseco era o seu valor-se-uso. Independente desse valor-de-uso havia um valor-de-troca que correspondia à situação do produto no mercado.

Por *valor-de-uso* considera-se a utilidade do produto. O quanto este produto representa para o indivíduo que o adquire. Ressalta-se que um produto terá valores-de-uso distintos para distintos indivíduos.



A utilidade de uma coisa faz dela um valor-de-uso. [...]A própria mercadoria, como ferro, tricô, diamante, etc., é, por isso, um valor-de-uso, um bem. Esse caráter da mercadoria não depende da quantidade de trabalho empregado para obter suas qualidades uteis. [...]Os valores-de-uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social dela. [...] os valores-de-uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor-de-troca.(MARX,2002 p. 58)

O *valor-de-troca* de um item representa a percepção que o mercado possui dele. Considerando que o valor-de-uso varia de pessoa para pessoa, o valor-de-troca almeja ser universal, representando a média de todos os valores-de-uso que os indivíduos compartilham daquele bem. “Como valores-de-uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de qualidade diferente; como valores-de-troca, só podem diferir na quantidade, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor-de-uso”. (MARX, 2002, p. 59)

Desse modo, os valores-de-troca, diferentemente dos valores-de-uso, apresentarão variação conforme o momento histórico. A moda, a sazonalidade, a visão de mundo, poderão alterar o valor-de-troca de um produto.

O valor-de-troca revela-se, de início, na relação quantitativa entre valores-de-uso de espécies diferentes, na proporção em que se trocam, relação que muda constantemente no tempo e no espaço. Por isso, o valor-de-troca parece algo casual e puramente relativo, e, portanto, uma contradição em termos, um valor-de-troca inerente, imanente à mercadoria. (MARX,2002 p. 58)

Considerando, a existência de valores-de-uso e valores-de-troca inerentes a cada item comercializado, o comércio – já imerso em complexidades – carecia de algo que extrapolasse o nível do escambo, pois as simples trocas já não eram mais tão simples. Muitas trocas poderiam ser necessárias para que os negociantes conseguissem os itens que queriam originalmente. “[...] podia existir, frequentemente, um tedioso e intrincado processo, antes que os bens do primeiro indivíduo chegassem a ser trocados, antes que eles pudessem ser afinal, trocados por aquela particular mercadoria que elle necessitava. (sic)” (SCHMIDT JR, 1935, p. 14)

É certo que havia produtos que possuíam ampla aceitação, por exemplo, o vinho, o trigo, a cevada, o sal, metais preciosos, entre outros. Em razão dessa característica, esses materiais passaram a facilitar as transações, e constituíram-se das primeiras moedas de troca, ou mercadorias-moeda.



Conveio-se de dar e receber nas permutas uma matéria que, útil por si mesma, fosse fácil de conduzir nas diferentes circunstâncias da vida, como o ferro, a prata e a muitas outras substâncias das quais se determinaram primeiramente, apenas as dimensões e o peso, e por fim se marcaram com um sinal impresso para evitar o embaraço das medidas contínuas [...] (ARISTÓTELES, 1995, p. 26)

Para Schmidt Jr. (1935) as mercadorias moeda operavam por meio de um acordo tácito, em que as partes envolvidas concordavam em aceitar como intermediário da negociação um produto. A troca deu lugar à compra e venda, pois os produtos eram vendidos em “moeda” e depois essa mesma “moeda” era utilizada para comprar o que se desejava.

Até a padronização dos metais como meios de pagamento, o sal foi uma importante moeda de troca. De acordo com Catharino (1981) as legiões romanas recebiam parte do seu ordenado em sal, o que deu origem ao termo salário.

[...] pouco a pouco os homens observaram que havia um artigo que era sempre tão procurado, que se podia dando-o, obter a cada momento, todas as outras cousas que se necessitasse. Este objecto tão geralmente desejado, tornou-se gradualmente, o instrumento com o auxílio do qual as trocas foram effectuadas. Aquelle que tinha um excedente de qualquer cousa, mesmo se todas suas necessidades estavam satisfeitas, acceitava este agente de trocas, sabendo, que com elle, poderia, não importa em que momento, prover a suas necessidades (sic). (SCHMIDT JR, 1935, p. 17)

O dinheiro, na atualidade, está associado à sua forma de moeda. As primeiras moedas, devidamente cunhadas e com pesos exatos utilizavam metais específicos para a sua constituição. Galbraith (1997) Considera que a utilização de metais cunhados nos moldes tradicionalmente conhecidos e com pesos pré-definidos são atribuídos aos reis da Lídia, no século VIII a.C.. “De todos os povos dos quais temos conhecimento, foram os Lídios os primeiros a cunhar moedas de ouro e de prata, e também dos primeiros a se dedicarem à profissão de revendedor”. (HERÓDOTO, 2006, p. 76)

Galiani (2000) afirma que o terceiro metal, no decorrer dos séculos, não foi sempre o mesmo, variou entre cobre, bronze, latão ou até uma liga de ouro e prata chamada Eléctron.

A utilização de metais nobres como moeda, embora tenha dinamizado o comércio, fez surgir um novo membro na sociedade – o falsificador. Ao misturar ouro



e prata a metais de menor valor e mesma tonalidade, este indivíduo aumentava seu poder monetário, gerando prejuízos a muitos.

A cunhagem de moedas executada pelo Estado surge para garantir que os metais utilizados naquele formato, e com aquelas inscrições eram, de fato, puros e garantidos pela autoridade governamental. De acordo com Schmidt Jr. (1935) esse período remonta, provavelmente o século VII a.C.

A esse respeito, Galbraith (1997) considera que esse controle por parte do Estado não resolveu o problema. Bem como, quando o Estado notou que podia também falsificar sua própria moeda, ele o faz.

A cunhagem era notavelmente conveniente. Também para um convite a grandes fraudes públicas e pequenas fraudes privadas. Para governantes esbanjadores ou premiados por necessidades – e esses têm sido maioria absoluta em sua classe – regularmente surgia com o tempo a descoberta de que podiam reduzir o volume de metal em suas moedas – ou substituí-lo por um metal de qualidade inferior e esperar, nas verdade, que ninguém notasse, pelo menos logo. Portanto, uma quantidade menor de prata ou ouro compraria tanto quanto antes – ou o mesmo peso de metal puro compraria mais. E também ocorria a empresários privados, após a conclusão de uma transação, que podiam cortar ou raspar alguns micromiligramas das moedas que haviam concordado em pagar. Isto, com o tempo, aumentaria os lucros em termos marginais, mas favoravelmente. A falsificação também é uma inovação antiga. Já em 540 a.C., diz-se que Polícrates de Samos enganou os espartanos com moedas de ouro falso. (GALBRAITH, 1997, p. 6 e 7)

Os governos utilizavam essa característica, de diminuir a pureza do ouro, para aumentar a capacidade de pagamento do Estado, pois, cada nova moeda de ouro, precisava ser extraída da natureza, e, como relata Versignassi (2011), o ouro é um material tão raro que se fosse possível derreter todo o ouro coletado ao longo da história, este caberia num prédio de sete andares. “São 142 mil toneladas – isso é o que a Vale³ extrai de minério de ferro em seis horas”. (VERSIGNASSI, 2011, p. 33)

Mesmo assim, coube ao Estado o dever de prover e controlar as moedas utilizadas para as relações comerciais. A moeda que na atualidade é tratada por dinheiro, não existe na natureza, nem tão pouco existe algo semelhante entre o reino animal. Assim como a linguagem – até onde se sabe – o dinheiro é indubitavelmente humano. (WEATHERFORD, 2000)

O dinheiro compra muitas coisas e desperta outra característica humana – juntar objetos. Com a evolução da sociedade o homem colecionou ferramentas,

³ Maior mineradora do Brasil e uma das maiores do mundo.



metais – preciosos ou não – manufaturados, etc. Produtos que, em sua essência, possuem valores sujeitos às leis do mercado: oferta, demanda, moda, sazonalidade, novidade, raridade... muitassão as variáveis que afetam o preço de um produto.

A Copa do Mundo da FIFA é um evento esportivo que acontece quadrienalmente e desde 1930 desperta o interesse de milhões de pessoas a cada nova edição. Desde os anos 1950, o álbum de figurinhas da copa do mundo conquista milhares de admiradores e desperta o ressurgimento do comércio primitivo entre colecionadores na esperança de completarem sua coleção.

2.2 O ESCAMBO NA CONTEMPORANEIDADE

O escambo pode ser definido como uma forma de comércio em que a troca de mercadorias se faz sem a utilização de dinheiro. Como foi demonstrado no capítulo anterior, o surgimento do dinheiro, modificou as relações econômicas deixando de lado a troca e instituindo a compra e venda. Mas é preciso considerar que mesmo após o advento do dinheiro, em alguns momentos o escambo ressurgiria.

O uso de mercadorias como dinheiro nunca desapareceu e ressurge sempre que o fluxo normal de comércio e da vida econômica é interrompido. Cigarros, chocolate e chiclete preencheram, temporariamente, as lacunas monetárias através da Europa no final da II Guerra Mundial. Desde a queda do Império Asteca, o chocolate nunca teve tamanho poder de compra quanto quando os soldados norte-americanos chegaram na Europa. (WEATHERFORD, 2000, p. 25)

Durante os governos comunistas de Stalin e MaoTsé-Tung, na ex-União Soviética e China respectivamente, em decorrência dos racionamentos de mantimentos proporcionais aos habitantes, algumas mercadorias como ovos, chocolates e cigarros eram utilizadas como moedas no mercado negro. Na Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, devido às sanções impostas pelo Tratado de Versalhes o marco alemão, perdeu praticamente todo o seu poder de compra, fazendo com que os alemães também aderissem ao escambo para conseguirem se manter (COUTO e HACKL, 2007)

A Romênia, entre as décadas de 70 e 90, passou por momentos de crise sob o comando do presidente Nicolae Ceausescu. O país possuía um enorme



suprimento de papel moeda, mas de acordo com Weatherford (2000) em razão das duras sanções impostas à população através do racionamento, o dinheiro perdeu seu valor. Assim os cigarros passaram a ser a moeda de troca no país, qualquer pessoa que os possuísse poderia satisfazer seu consumo. “Pacotes de cigarros ofereciam a vantagem de ser facilmente divididos em dez maços por pacote, sendo que cada um podia ser posteriormente dividido em 20 cigarros”. (WEATHERFOD, 2000, p. 25)

Nas prisões, em todo o mundo, a circulação de dinheiro é proibida, sendo assim, os cigarros acabam por obter status de moeda nesses recintos. Para que um produto assuma características de moeda faz-se necessária uma convecção social que o sancione como tal. É preciso um sistema cultural específico que proporcione essa ação. A cada quatro anos é possível vivenciar essa convenção proporcionada pela Copa do Mundo da Fifa.

A Copa do Mundo - evento que neste ano de 2014 foi realizado no Brasil - gera bilhões em investimentos, principalmente em infraestrutura, nos países que sediam a competição, além de ampliar a visibilidade que o país possui externamente. Em cada nova edição, desperta uma legião de fãs, que adquirem produtos alusivos ao evento, e, entre eles está o álbum de figurinhas oficial, o *Official licensed Sticker Album – Fifa World Cup Brasil – 2014*. Esse álbum é composto de figurinhas que expõem todos os jogadores escalados para o torneio, mascotes, brasões, estádios e outros elementos que remetem ao evento.

As figurinhas são vendidas em locais específicos, normalmente em bancas de jornal e, em razão do volume de cromos repetidos, alguns locais de venda tornam-se, principalmente aos fins de semana, verdadeiras feiras de troca medievais.

De acordo com Oliveira (2014) os pontos de troca ficam aglomerados de pessoas pelo país afora. O autor ressalta que foram impressos no Brasil 8,5 milhões de álbuns, que necessitam de 649 figurinhas para que fiquem completos. Considerando que o volume de figurinhas é muito grande, cada colecionador dispõe muita moeda de troca para o escambo. Nesses ambientes o dinheiro normalmente é descartado, ficando a troca simples, de figurinhas por figurinhas, a atividade padrão.

Em meio ao mundo tecnológico vivido pela sociedade, são desenvolvidos mecanismos para facilitar as trocas não presenciais de figurinhas. Gusmão (2014) afirma que a Panini, empresa autorizada a imprimir e comercializar o álbum de



figurinhas oficial da copa, lançou um aplicativo para ser instalado em celulares que mostrava os principais pontos de troca das maiores cidades brasileiras. Esse aplicativo permitia a criação e grupos de colecionadores e conseqüentemente de envio de mensagens de troca.

3 ANALISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Os jovens, na contemporaneidade, por conta da agilidade permitida pela rede virtual, buscam realizar seus sonhos da forma mais rápida e tranquila possível. As compras *online* apresentam a experiência de adquirir produtos e serviços sem precisar sair de casa. Através da internet é possível comprar praticamente tudo. As facilidades promovidas pelo *e-commerce*, tem modificado o comportamento das pessoas e estimulado o consumo, muitas vezes por compulsão. O cartão de crédito auxilia nesse processo e ajuda a atrair consumidores e vendedores proporcionando um sem número de possibilidades de compras que tendem ao infinito.

A inocência das trocas simples efetuadas pelos colecionadores de figurinhas da Copa do Mundo apresenta-se como a antítese do comércio rápido e pós-moderno. Transportando seus participantes a um tempo em que eles não viveram. Nesse contexto, o que importa não é simplesmente completar o álbum, é sim a aventura de encontrar, entre pessoas reais, quem tem para trocar aquela figurinha faltante e que, ainda, aceita como pagamento as que estão repetidas. Nota-se, que uma vez completo o álbum, os colecionadores tendem a experimentar uma sensação de perda. Um vazio que advém do término dessas relações de troca firmadas nessas feiras. É, em razão disso, que muitos aficionados adquirem outros álbuns e começam uma nova coleção. Pensando nisso é que a empresa detentora dos direitos de comercialização desses produtos, após algum tempo do lançamento do álbum da copa, apresentou outro modelo, com capa dura, o que fez com que muitos colecionadores que já haviam completado o álbum, comessem essa maratona novamente.

Outro elemento curioso é que, nesses encontros, é possível observar que não apenas as crianças, mas jovens e muitos idosos participam do processo. Alguns alegando que estão ali para ajudar filhos ou netos a completarem os álbuns, mas



seus olhos brilhantes denunciam que eles próprios estão encantados com a nova sensação propiciada pelo escambo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as breves reflexões sobre a evolução histórica do comércio e, conseqüentemente, da moeda, destacando-se o escambo como um elemento fundamental na evolução da sociedade, pode-se perceber como o resgate dessa relação com o álbum de figurinhas da copa do mundo da Fifa, em meio ao mundo pós-moderno e tecnológico atual, apresenta-se como uma aula de economia primitiva aos entusiastas que resolvem participar da coleção e trocar suas de figurinhas repetidas.

Ao analisar essas feiras de trocas, em que aparentemente o dinheiro é esquecido, é preciso lembrar que, o que levou as pessoas a elas foi o fato de haverem adquirido o álbum e comprado um sem número de figurinhas, desembolsando grandes quantidades dinheiro. Conforme dados de Oliveira (2014) foram impressos 8,5 milhões de álbuns no Brasil que necessitam de 649 cromos para ficarem completos. Sabendo que um pacote com cinco delas custa R\$ 1,00, e considerando para análise, a hipótese de nunca haverem cromos repetidos, isso já geraria um valor de R\$ 1.103.300,00.

Assim, o álbum de figurinhas da copa, mesmo transportando os colecionadores aos primórdios do comércio, alimenta um comércio bilionário. O consumismo é um fenômeno que, desde os anos 1950 vem se incorporando à sociedade.

Alguns grupos de pessoas têm buscado resgatar o escambo, mas de uma forma menos fiduciária do que a observada no álbum de figurinhas da copa. Uma dessas ações é a formação de grupos de consumo colaborativo – que consistem em emprestar ou trocar coisas ao invés de comprá-las. Normalmente são mercadorias em bom estado, adquiridas a algum tempo e que perderam a utilidade para quem as comprou. As pessoas optam por emprestar ou trocar esses produtos.

Outra ação que começa a ser otimizada são as caronas cadastradas por empresas, universidades ou pela sociedade civil. Nesse caso, as pessoas se



devidamente identificadas e cadastradas, combinam caronas para evitar que veículos com baixa lotação circulem diariamente em trajetos semelhantes.

Num mundo cada vez mais globalizado e consumista, a experiência de escambo proporcionada pelas figurinhas da copa, relembra as pessoas da importância do convívio e a socialização de bens. Bem como desperta a possibilidade de acordos comerciais sem a utilização de dinheiro e, mesmo que no caso das figurinhas, num primeiro momento o dinheiro esteja envolvido, a prática desse convívio pode despertar a consciência de um consumo mais brando e participativo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. 1ª Ed. São Paulo: Edipro, 1995.

BASTOS, V. L. **Para entender a Economia Capitalista: noções introdutórias**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

CATHARINO, J. M. **Compêndio de Direito do Trabalho**. Vol 2. 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1981.

COUTO, J. M.; HACKL, G. Hjalmar Schacht e a Economia Alemã (1920-1950). **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 16, n. 3, p. 311-341, dez/2007.

ENGELS, F. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GALBRAITH, J. K. **Moeda: de onde veio, para onde foi**. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

GALIANI, F. **Da Moeda**. 1751. São Paulo: Musa, 2000.

GUSMÃO, G. Ação do Viber quer facilitar a troca de figurinhas do Álbum da Copa. **Revista Info**. São Paulo, 13/05/2014. Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/05/acao-do-viber-quer-facilitar-a-troca-de-figurinhas-do-album-da-copa.shtml>. Acessado em 25/06/2014.

HERÓDOTO. **História**. E-books Brasil, 2006. Disponível em <http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/03/historiaherodoto.pdf>. Acessado em 27/06/2014.

HOMERO, **Ilíada**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

LINO NETO, A. **Adam Smith: fundador da economia política**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1936.



MARX, K. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 1. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

OLIVEIRA, R. Encontros para trocar figurinhas se multiplicam e atraem multidões. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 de maio de 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/05/1455160-encontros-para-trocar-figurinhas-se-multiplicam-e-atraem-multidoes.shtml>. Acessado em 25/06/2014.

SCHMIDT JÚNIOR, A. **Moedas e Systemas Monetários. Primeira Parte**. São Paulo: Revista dos Tribunaes, 1935.

SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**.(Os Economistas). São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOARES FILHO, S. Brasil, a continuidade da política do pão e circo ou é só impressão? **Revista de Estudos Jurídicos**. UNESP. Franca, a. 14, n. 19, p. 335-358, 2010.

VERSIGNASSI, A. **Crash: uma breve história da economia: da Grécia antiga ao século XXI**. São Paulo: Leya, 2011.

WEATHERFORD, J. **A História do Dinheiro**. 3ª Ed. São Paulo: Negócio Editora, 2000.

